

ADAPTAÇÃO BRASILEIRA DA ESCALA DE EXPOSIÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: RESULTADOS PRELIMINARES

Antonio Augusto Pinto Junior – Universidade Federal Fluminense. E-mail:

antonioaugusto@vm.uff.br

Angelitta Junie Belmiro Alves – Universidade Federal Fluminense. E-mail:

Viviane Shima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense. E-mail:

cetepsi@uol.com.br

Priscila de Almeida Teixeira – Universidade Federal Fluminense. E-mail:

priscilaat@bol.com.br

Raphaella Ferreira Lopes – Universidade Federal Fluminense. E-mail:

rafaferreira_11@hotmail.com

Agência de Fomento: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Processo n. 138841 - APQ1_2013/2.

Eixo: Temático: Culturas de Paz, Culturas de Violência

RESUMO

Esse trabalho descreve os resultados preliminares de um estudo de validação de uma escala de exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica, Children's Exposure to Domestic Violence Scale (EDLESON; JOHNSON; SHIN, 2007), auto administrada, composta de 42 questões, destinada a crianças e adolescentes na faixa etária dos 10 a 16 anos de idade, permitindo o reconhecimento de um continuum de experiências das vítimas e da necessidade correspondente de intervenções práticas. Após a tradução para a língua portuguesa, que foi avaliada por juízes experts na área de avaliação psicológica e psicologia clínica com crianças vitimizadas, o referido instrumento foi aplicado em 57 participantes de ambos os sexos, na faixa etária de 10 a 16 anos, divididos em dois grupos: Grupo clínico (crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica - n= 26), e Grupo Controle (crianças e adolescentes sem suspeitas de vitimização - n= 31). A análise dos resultados foi realizada a partir da categorização e classificação das respostas de cada uma das questões da escala, e submetida a tratamento estatístico para realização dos estudos normativos de validade. Os resultados

preliminares do estudo piloto mostram que a referida escala é um instrumento sensível para discriminar crianças e adolescentes vítimas daqueles que não sofreram ou sofrem algum tipo de vitimização, além de oferecer subsídios para identificar, conhecer e compreender essa realidade, embasando medidas preventivas e interventivas na área da violência doméstica.

Palavras-chave: Maus-tratos infantis; relações pais-filhos; avaliação psicológica; psicologia clínica.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a Violência Doméstica, seja aquela dirigida contra a criança ou a violência conjugal testemunhada pelos filhos, vem sendo reconhecida tanto como um importante problema social quanto um problema de saúde pública, em função dos altos índices de incidência na população mundial, aliados às graves sequelas e transtornos desenvolvidos pelas vítimas. A abordagem profissional deste fenômeno apresenta inúmeras dificuldades, pois se caracteriza como um problema que se manifesta de maneira sigilosa, configurando um segredo familiar, e por estar envolvido por dispositivos de velamentos que, muitas vezes impedem sua identificação e notificação.

Embora extremamente relevante para o estabelecimento de políticas públicas de atendimento, é difícil definir com rigor a incidência do fenômeno da violência doméstica sofrida e/ou presenciada por crianças e adolescentes. Conforme aponta Pinto Junior (2005), esta dificuldade decorre de vários fatores. Primeiro por que depende da própria definição de violência doméstica, que muitas vezes, é controversa, parcial e não consistente. Segundo, a presença da cifra negra, quando se trabalha apenas com os casos notificados, não considerando a existência de inúmeros outros que não chegam aos órgãos competentes, e que com certeza, pode aumentar os índices encontrados nas estatísticas. Entretanto, algumas pesquisas sobre incidência e prevalência da violência doméstica nos indicam a gravidade deste problema social em âmbito internacional.

Finkelhor et al. (2009) realizaram um estudo visando à obtenção de estimativas de exposição de crianças e adolescentes a todos os tipos de violência doméstica nos Estados Unidos, por meio de uma pesquisa transversal que envolveu uma amostra de 4.549 crianças de 0 a 17 anos. Os resultados apontam que a grande maioria (60,6%) das crianças e adolescentes sofreu pelo menos uma vitimização direta ou foi testemunha de violência no ano

anterior. Quase a metade (46,3%) havia experimentado uma agressão física no ano de estudo; 1 em 4 (24,6%) havia experimentado uma agressão psicológica; 1 em 10 (10,2%) havia experimentado uma forma de “maus tratos”; 6,1% foram vítimas de abuso sexual, e mais de 1 em 4 (25,3%) tinham sido testemunhas de violência ou experimentado outra forma de vitimização indireta no ano, incluindo 9,8% que haviam testemunhado uma violência intrafamiliar. Um em 10 (10,2%) havia experimentado uma lesão relacionada com a vitimização. Mais de um terço (38,7%) tinham sido expostas a duas ou mais vitimizações diretas, 10,9% tinham vivenciado cinco ou mais vitimizações, e 2,4% tinham sofrido 10 ou mais episódios de violência doméstica durante o ano de estudo. A partir desses dados, os autores concluíram que a abrangência e diversidade de exposição da criança à vitimização não é bem reconhecida, por isso psicólogos e pesquisadores precisam saber mais sobre a amplitude da violência doméstica para serem capazes de identificar crianças vitimizadas.

Gilbert et al. (2009) também afirmam que o fenômeno da violência doméstica continua sendo um grande problema de saúde pública e de bem estar social, mesmo em países desenvolvidos. Eles apontam que cerca de 4 a 16% das crianças são vítimas de violência física e uma em cada dez é negligenciada ou abusada psicologicamente. Durante a infância, entre 5% e 10% das meninas e até 5% dos meninos estão expostos a violência sexual, e outros estão expostos a qualquer tipo de abuso sexual. Também nesses países, os autores consideram que as taxas oficiais representam menos de um décimo dessas notificações.

Assim, pode-se afirmar que a violência doméstica sofrida ou presenciada por crianças e adolescentes está longe de ser uma ocorrência marginal, e que necessita de ações comprometidas, visando à construção de políticas de prevenção e combate do fenômeno, pois a literatura científica tem apontado que a experiência de vitimização pode trazer sérias consequências para a vítima, implicando em distúrbios de personalidade, cognição, adaptação social e outros.

Sobre isso, estudos sobre a temática comprovam que a experiência de vitimização aumenta consideravelmente o risco de consequências adversas no desenvolvimento psicossocial das vítimas. Dentre tais consequências adversas (a curto, médio e longo prazo) citadas por diferentes pesquisas, destacam-se: distúrbio de humor, ansiedade, problemas de sono, dificuldades escolares, distúrbios neurológicos, depressão na vida adulta, perdas significativas e persistentes na saúde relacionados com qualidade de vida na idade adulta, além de sintomas de estresse pós-traumático e de desordens do tipo neurótica ou psicótica

(ANNERBACK ET AL., 2012; HUANG, & MOSSIGE, 2012; GAL; LEVAV; GROSS, 2011).

Considerando as graves consequências da experiência de exposição à violência doméstica nas diversas áreas do desenvolvimento das vítimas, torna-se fundamental o desenvolvimento de estratégias de identificação precoce dos casos, visando, principalmente, à prevenção dos traumas advindos desta experiência e ao planejamento das intervenções psicossociais. Mas, por outro lado, de acordo com Tardivo, Pinto Junior e Santos (2005), para se proceder à identificação precoce e/ou à avaliação psicológica de crianças vitimizadas ou que presenciam a violência conjugal de seus pais é necessário apreender a experiência de vitimização em sua totalidade, fundamentando-se em instrumentos que facilitem o desvelamento da situação abusiva. Anastasi e Urbina (2000), também advertem que para se realizar a uma avaliação psicológica é importante não só escolher um instrumento adequado, mas também garantir a confiabilidade das inferências feitas a partir da aplicação de um instrumento, que deve ter propriedades psicométricas, como precisão e validade.

Nesta perspectiva, Friedrich (2006) afirma que a avaliação de saúde mental de uma criança ou adolescente vitimizado pode ser mais relevante e válida mediante a inclusão de medidas específicas, além dos testes genéricos de inteligência, de comportamento e de funcionamento da personalidade. Contudo, Edleson et al. (2007a.) afirmam que não existem muitos instrumentos que medem e avaliam a exposição de uma criança à violência doméstica e que foram submetidas à estudos de análise psicométrica.

Assim, considerando que a vivência ou exposição à violência doméstica é um fenômeno que atinge muitas crianças e adolescentes no mundo; que é responsável por inúmeras sequelas e transtornos no desenvolvimento sócio psicológico das vítimas; que é um problema de difícil identificação e intervenção pelos profissionais que trabalham com essa demanda; que a avaliação psicológica nesses casos é um processo que requer muito cuidado no seu planejamento e que o profissional deve ter a sua disposição instrumentos que garantam sua validade e precisão; que existem poucos instrumentos que cumprem o objetivo de avaliar a exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica no contexto brasileiro, apresentamos o presente trabalho que objetivou o estudo de validação da “Children’s Exposure to Domestic Violence Scale” (CEDV), (EDLESON; JOHNSON; SHIN, 2007) para a realidade brasileira.

A CEDV é composta por 42 questões em três seções. A parte I e Parte II do CEDV contêm cinco subescalas que medem: (1) Exposição à violência em casa, (2) Exposição à violência na comunidade, (3) Envolvimento em situações de violência, (4) Fatores de risco e (5) Outros tipos de vitimização. Cada questão nas duas primeiras partes é respondida utilizando uma escala de quatro pontos do tipo “Likert”, ou seja, "Nunca", "Às vezes", "Muitas vezes", e "Quase sempre." Evidentemente, a maior pontuação indica mais probabilidade de exposição à violência, envolvimento, riscos ou vivência de outros tipos de vitimizações, enquanto que a menor pontuação indica menos probabilidade de exposição a esses tipos de violência. Já a Parte III do CEDV consiste de nove perguntas para coletar informações demográficas, incluindo gênero, idade, raça e etnia, situação de vida atual, composição familiar, e finaliza com uma pergunta sobre passatempos favoritos da criança/adolescente. De acordo com os autores, Edleson, Johnson e Shin (2007), o CEDV é uma escala auto administrada para crianças e adolescentes, na faixa etária de 10 a 16 anos de idade, podendo ser aplicado individualmente ou coletivamente.

MÉTODOS

Participantes

Participaram desse estudo preliminar 57 crianças e adolescentes, de ambos os sexos, de 10 a 16 anos de idade, do estado do Rio de Janeiro, divididos em dois grupos: a) Grupo Clínico: composto por 26 crianças e adolescentes entre 10 e 16 anos, de ambos os sexos, vítimas de violência doméstica ou expostas à violência conjugal de seus pais, moradores do Estado do Rio de Janeiro (da mesorregião do Sul Fluminense), identificados em instituições de assistência e proteção de crianças e adolescentes em situação de violência doméstica; b) Grupo Controle: composto por 31 crianças e adolescentes da mesma faixa etária e sexo, porém sem suspeitas de serem vítimas de violência doméstica ou de estarem expostos à violência conjugal de seus pais, sendo todos moradores do Rio de Janeiro (mesorregião do Sul Fluminense), identificados em instituições escolares da referida região.

Instrumentos:

a) Escala de Exposição à Violência Doméstica (Children’s Exposure to Domestic Violence Scale - Edleson, Johnson & Shin, 2007): Como já descrito anteriormente, este é um

instrumento de auto relato usado para medir o grau de exposição à violência doméstica e os múltiplos fatores relacionados.

b) IFVD: Inventário de Frases no diagnóstico de Violência Doméstica contra crianças e adolescentes (Tardivo; Pinto Junior, 2010): Escala já adaptada e validada para o contexto brasileiro para avaliar a exposição de crianças e adolescentes à violência doméstica, composta por 57 frases de simples compreensão que exige da criança que ela responda sim ou não (se as mesmas têm a ver com sua vida), sendo que as frases estão relacionadas aos transtornos que a violência doméstica traz, ou seja, emocionais, cognitivos, comportamentais, sociais e físicos.

Procedimentos

Para desenvolver o estudo visando à tradução e adaptação Escala CEDV para a realidade brasileira, inicialmente foi realizada a tradução do instrumento original do inglês para o português por um profissional graduado em letras, com especialização em inglês e com experiência na temática da violência doméstica. Posteriormente, o instrumento foi novamente traduzido para o inglês (back translation) por outro profissional com as mesmas qualificações.

A seguir, foi realizada uma revisão técnica e de equivalência semântica por outros dois profissionais, de forma independente, com as mesmas qualificações dos anteriores. A partir das observações desses dois profissionais elaborou-se uma versão preliminar. Essa versão preliminar foi, então, encaminhada para três profissionais (juízes) que trabalham na área da violência doméstica e avaliação psicológica, para analisar a validade de conteúdo. A partir das sugestões dos juízes, foram feitas modificações no instrumento para a versão final, para melhor atender aos critérios de adaptação à realidade brasileira, compreendendo, assim, 39 questões.

Nesse estudo foram tomadas as medidas necessárias para a devida observação dos princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos, de acordo com as diretrizes e normas vigentes. A pesquisa recebeu apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (FM/UFF/HU) e aprovado sob o parecer nº 850.078/2014.

Após esclarecimentos e convite a possíveis voluntários do estudo, conforme critérios de seleção de participantes, aqueles que concordaram com a proposta assinaram o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais/responsáveis ou cuidadores dos participantes), autorizando o estudo e suas atividades. As crianças e adolescentes também

foram convidados ao trabalho e apenas participaram aquelas que aceitaram, livremente, colaborar com as atividades e que assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Os dados do presente trabalho foram coletados de forma individual nas instituições em que os participantes foram identificados. Após a aplicação dos instrumentos, procedeu-se à avaliação e pontuação dos mesmos, respeitando as diretrizes técnicas padronizadas de cada instrumento utilizado.

Concluída essa etapa de avaliação dos instrumentos, foi realizado o tratamento estatístico dos resultados. Todos os dados obtidos foram colocados em bases de dados para análise estatística valendo-se dos programas Microsoft Excel 2007 e SPSS. Os resultados do grupo clínico e do grupo de controle foram comparados, tanto em relação à Escala de Exposição à violência doméstica como ao IFVD. Para as análises estatísticas utilizou-se o Teste t de Student, a fim de verificar se as diferenças nas frequências de pontuação dos itens propostos para a avaliação dos instrumentos discriminam os grupos de acordo com estas variáveis. Foram consideradas significantes as diferenças menores ou iguais a 0,05.

Além disso, a análise da validade de constructo e de critério da Escala de exposição à violência doméstica foi estabelecida através do teste de correlação de Pearson (r) entre os resultados obtidos para cada domínio da escala e os resultados obtidos na medida escolhida como padrão ouro para aquele domínio. Para a interpretação da dimensão de correlação seguiu-se os valores: entre 0 e 0,25 (-0,25), relação pequena ou inexistente; entre 0,25 e 0,50 (-0,25 e -0,50), relação razoável; entre 0,50 e 0,75 (-0,50 e -0,75), relação moderada a boa e acima de 0,75 (-0,75), relação muito boa a excelente. Foi examinado também o grau de correlação dos resultados do IFVD.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre a caracterização da amostra estudada, as tabelas 1, 2 e 3 condensam os principais resultados acerca da idade, sexo e escolaridade dos participantes.

Tabela 1. Distribuição dos participantes de acordo com a idade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

Valid	10	9	15,8	15,8	15,8
	11	5	8,8	8,8	24,6
	12	6	10,5	10,5	35,1
	13	8	14,0	14,0	49,1
	14	12	21,1	21,1	70,2
	15	5	8,8	8,8	78,9
	16	12	21,1	21,1	100,0
Total		57	100,0	100,0	

Verifica-se que houve um predomínio de adolescentes com 14 e 16 anos de idade. Considerando que se procurou a composição de grupos de participantes com características sociodemográficas semelhantes, e que o grupo controle foi constituído a partir das características do grupo clínico, a predominância de adolescentes vitimizados corrobora os achados epidemiológicos de outros estudos que apontam que é essa a parcela da população mais vulnerável a esse tipo de violência (FINKELHOR et al., 2009; EDLESON; JOHNSON; SHIN, 2007; TARDIVO; PINTO JUNIOR, 2010).

Tabela 2. Distribuição dos participantes em função do Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Masculino	22	38,6	38,6	38,6
Feminino	35	61,4	61,4	100,0
Total	57	100,0	100,0	

Em relação ao sexo dos participantes, a maioria era predominantemente feminino e esse dado também se coaduna com resultados de outras pesquisas na área (FINKELHOR et al., 2009; GILBERT et al., 2009; EDLESON; JOHNSON; SHIN, 2007; TARDIVO; PINTO JUNIOR, 2010). A prevalência de vítimas do sexo feminino em situações de vitimização doméstica é, geralmente, explicada pelos fatores culturais que historicamente impõem a esse sexo situações de abuso e exploração. Embora esse tipo de violência não seja vivenciado apenas pelo sexo feminino, a capacidade de defesa dos meninos, baseada em sua maior força física, pode explicar também o número menor de vítimas do sexo masculino (AZEVEDO et al., 2005; TARDIVO; PINTO JUNIOR, 2010).

Tabela 3. Distribuição dos participantes de acordo com a escolaridade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	1	1,8	1,8	1,8
3	6	10,5	10,5	12,3
4	4	7,0	7,0	19,3
5	8	14,0	14,0	33,3
6	8	14,0	14,0	47,4
7	7	12,3	12,3	59,6
8	6	10,5	10,5	70,2
9	5	8,8	8,8	78,9
10	3	5,3	5,3	84,2
11	9	15,8	15,8	100,0
Total	57	100,0	100,0	

Nesse estudo as maiores frequências em termos de escolaridade concentraram no 5º. ano e no 6º. ano do Ensino fundamental. Mesmo com o predomínio de adolescentes vitimizados, ao se analisar a escolaridade da amostra estudada, verificou-se que a maioria das vítimas apresenta baixa escolaridade. Entendendo que, em condições normais, é esperado que na adolescência o sujeito esteja cursando o ensino médio, o fato da população dessa pesquisa estar em atraso escolar vem confirmar estudos sobre as consequências da violência doméstica, que apontam a dificuldade cognitiva, ou atraso no processo ensino-aprendizagem, como uma das mais comuns e importantes sequelas (GAL; LEVAV; GROSS, 2011; GILBERT et al.; 2009; HUANG; MOSSIGE, 2012).

Para verificar se os resultados na Escala de Exposição à Violência Doméstica e IFVD seriam capazes de diferenciar o grupo de vítimas de violência de um grupo sem queixa de violência doméstica infantil, foram comparadas as médias dos diversos grupos através do teste t de Student. Os dados são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 4. Comparações entre médias do total de pontos e de cada Sub-escala da ECAVD e do IFVD avaliados para os grupos de controle e experimental

	Grupo Experimental (n =	Grupo Controle (n = 31)			
--	-------------------------	-------------------------	--	--	--

Fatores_de_Risco	,644**	,733**	1							
Exposição Violência na Comunidade	,533**	,511**	,629*	1						
Outras Violências	,575**	,593**	,644*	,694**	1					
Total	,846**	,835**	,862*	,811**	,804**	1				
Gravidade_Exposicao	,937**	,653**	,605*	,499**	,566**	,809**	1			
IFVD	,742**	,594**	,656*	,571**	,689**	,780**	,736**	1		
Idade	,063	,051	,080	,139	,088	,101	,029	-,060	1	
Escolaridade	-,488**	-,348**	-,320*	-,204	-,197	-,394**	-,482**	-,526**	,705**	1

Os dados mostram que as correlações são bastante fortes (superiores a 0,6). O nível de significância é indicado pelos asteriscos (* = $p < 0,05$; ** = $p < 0,01$). Considerando que o IFVD é um instrumento amplamente estudado e utilizado para inferir a vivência de vitimização doméstica em crianças e adolescentes no contexto brasileiro, a correlação com a Escala de Exposição à Violência Doméstica e suas sub-escalas indica, de forma geral, a capacidade dessa última em discriminar também crianças e adolescentes vitimizados daqueles que não o são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto dos resultados referentes aos indicadores de vitimização encontrados nesse estudo preliminar com a Escala de Exposição à Violência Doméstica pode ser considerado promissor enquanto evidências para o uso desse instrumento como uma ferramenta útil na prática cotidiana de profissionais responsáveis por crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade. A sistematização das informações e o aumento da amostra estudada poderão confirmar as evidências empíricas relevantes sobre a utilidade e a sensibilidade desse recurso avaliativo no processo de identificação e caracterização da exposição de crianças e adolescentes à vitimização, principalmente para auxiliar profissionais que trabalham diretamente com essa faixa etária. Embora sejam dados iniciais e de natureza exploratória, obtidos em uma região do interior do Estado do Rio de Janeiro, mostram que esse instrumento

poderá funcionar como recurso técnico auxiliar para profissionais que trabalham em órgãos de proteção de crianças e adolescentes, além de embasar medidas preventivas e interventivas nessa área.

REFERÊNCIAS

- ANASTASI, A.; URBINA, S. *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ANNERBACK, E. M.; SAHLQVIST, L.; SVEDIN, C. G.; WINGREN, G.; GUSTAFSSON, P.A.(2012). Child physical abuse and concurrence of other types of child abuse in Sweden-Associations with health and risk behaviors. *Child Abuse and Neglect*, v. 36, n. 7-8, p. 585-595, 2012.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A.; LONGO, C. S.; PINTO JUNIOR, A. A.; ASSIS, S. G.; FERRARI, D. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um cenário em (des)construção. In UNICEF. (Org.), *Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil*. Brasília: UNICEF, 2005, p. 14-27.
- EDLESON, J. L.; JOHNSON, K. K.; SHIN, N. *Children's Exposure to Domestic Violence Scale: user manual*. Minnesota: Minnesota Center Against Domestic Violence (MINCAVA): University of Minnesota, 2007.
- EDLESON, J. L.; ELLERTON, A. L.; SEAGREN, E. A.; SCHMIDT, S. O.; KIRCHBERG, S. L.; AMBROSE, A. T. Assessing child exposure to adult domestic violence. *Children and Youth Services Review*, v. 29, p. 961-971, 2007a.
- FINKELHOR, D.; TURNER, H.; ORMROD, R.; HAMBY, S. Violence, abuse, and crime exposure in a national sample of children and youth. *Pediatrics*, v. 124, n 5, p. 141-1423, 2009.
- FRIEDRICH, W. N. (2006). Measures for evaluating child sexual abuse. In KOOCHER, G. P. (Org.), *Forensic mental health assessment of children and adolescents*. New York: Oxford University Press, 2006, p. 412-423.
- GAL, G.; LEVAV, I.; GROSS, R. Psychopathology among adults abused during childhood or adolescence: results from the Israel-based World Mental Health Survey. *The Journal of Nervous e Mental Disease*, v. 199, n. 4, p. 222-229, 2011.

GILBERT, R.; WIDOM, C. S.; BROWNE, K.; FERGUSSON, D.; WEBB, E.; JANSON, S. Child Maltreatment: Burden and consequences of child maltreatment in high-income countries. *Lancet*, v. 373, n. 9657, p. 68–81, 2009.

HUANG, L.; MOSSIGE, S. Academic achievement in norwegian secondary schools: the impact of violence during childhood. *Social Psychology of Education*, v. 15, n. 2, p. 147-164, 2012.

PINTO JUNIOR, A. A. *Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico*. São Paulo: Vetor, 2005.

TARDIVO, L. S. L. P. C.; PINTO JUNIOR, A. A.; SANTOS, M. R. (2005). Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Düss. *Psic*, v. 6, n. 1, p. 59-66, 2005.

TARDIVO, L. S. P. C.; PINTO JUNIOR, A. A. *IFVD: inventário de frases no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Vetor, 2010.